

SANDRA SANTOS

**LABORATÓRIOS
DE EDIÇÃO NO
BRASIL**

entre formação e inserção





UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Reitor

Ricardo Lodi

Vice-reitor

Mario Sergio Carneiro



CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

Diretor

Bruno Deusdará



INSTITUTO DE LETRAS

Diretora

Janaína Cardoso

Vice-diretora

Naira Velozo

DIRETÓRIO ACADÊMICO LIMA BARRETO

Gestão Nosso DALB



LABORATÓRIO DE PUBLICAÇÕES LIMA BARRETO

Coordenação

Davi Pessoa, Giulia Cordeiro, Iuri Pavan, Júlio Nogueira, Marina C. Ramos, Mauro Siqueira, Nayana Ferraz, Phellipe Marcel e Thayssa Martins

Comitê editorial executivo

Angela Baalbaki, Douglas Ferreira, Fabiano Ribeiro, Geraldo Pontes, Iuri Pavan, Juliana Costa, Júlio Nogueira, Letícia Botticello, Mara Glzman, Maria Aparecida Salgueiro, Maria Clara Tavares, Mauro Siqueira, Phellipe Marcel e Samuel Praciano

SANDRA SANTOS

**LABORATÓRIOS
DE EDIÇÃO NO
BRASIL**

entre formação e inserção

SELB

Rio de Janeiro, 2021

Copyright © 2021, Sandra Santos.
Todos os direitos desta edição reservados ao Laboratório de Publicações Lima Barreto.
É proibida a reprodução deste volume sem autorização expressa da editora.

Edição
Iuri Pavan

Revisão técnica
Davi Pessoa

Revisão
Hanny Saraiva
Karen Quintarelli
Nayana Ferraz
Thayssa Martins

Projeto gráfico
Mauro Siqueira

Diagramação
Iuri Pavan
Marina C. Ramos
Mauro Siqueira

Design de capa
Júlio Nogueira
Mauro Siqueira

Parceria
Arquivo dos Livros: Disciplinarização de um
Campo (Universidade Federal Fluminense)

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/NPROTEC

S237 Santos, Sandra.
Laboratórios de edição no Brasil: entre formação e inserção /
Sandra Santos. – Rio de Janeiro : UERJ, SELB, 2020.
72 p.: il.

ISBN 978-65-81143-00-8

1. Editoras universitárias - Publicação. 2. Editores e edição. 3.
Editoração. I. Título.

Bibliotecária: Cristina da Cruz de Oliveira CRB/4342



LABORATÓRIO DE PUBLICAÇÕES LIMA BARRETO
Rua São Francisco Xavier, 524
Maracanã – Rio de Janeiro, RJ – 20550-900
@selb.lab
selbcontato@gmail.com

Agradecimentos

*Às minhas orientadora e coorientadora,
pelos conselhos sábios.*

Aos entrevistados, pelo contributo importantíssimo.

*Aos meus professores e colegas,
pela partilha nas aulas.*

Aos meus amigos, pela amizade valiosíssima.

*À minha família – mãe, pai e irmão –,
pelos alicerces de quem sou hoje.*

Sumário

Apresentação.....	9
<i>Davi Pessoa</i>	
1. A Biblioteca de Babel	13
2. O paradigma brasileiro: educação como prática da liberdade	17
3. Entre academia e mercado	25
4. O laboratório como práxis	63
Referências.....	67
Sobre a autora.....	71

Editar é desordenar a biblioteca

Em 1984, o escritor e editor Italo Calvino profere, na Feira Internacional do Livro de Buenos Aires, uma conferência intitulada “O livro, os livros”. Num determinado momento de sua fala, Calvino aponta que “o pensamento de que os livros sejam gerados dos livros como por uma força biológica própria do papel escrito pode transmitir angústia”, pois, “se é o discurso escrito que passa através da mão que escreve, e o autor não é senão um instrumento de algo que *se escreve* independentemente dele, talvez não sejamos nós que escrevemos os livros, mas sejam eles que nos escrevem”. *Laboratórios de edição no Brasil*, ao mesmo tempo que escreve os percursos de formação e de inserção de seis laboratórios espalhados pelo país, escreve a força-ção e a formulação de um outro modo de ordenar bibliotecas. E, nesse processo, o Laboratório de Publicações Lima Barreto dá a ler a disposição de gestos múltiplos que se encontram no texto de Sandra Santos, desdobrado e escrito, por sua vez, a partir de muitas mãos.

Logo no início do livro, a estudiosa argumenta que é movida por um desejo de:

compreender como se desenvolve o fenômeno dos hábitos de leitura nos dias de hoje. A forma como se entende a leitura atualmente é muito distinta da do passado, principalmente nos grupos etários mais jovens. Não há uma fórmula definitiva para caracterizar o que deve ser a leitura, uma vez que essas dinâmicas se encontram bastante diluídas e difusas [...].

É nessa mudança de paradigma que se inserem os laboratórios de edição em questão: seus integrantes buscam *ler-se lendo* o mundo no qual se encontram. Desse modo, as estratégias de atuação, os suportes, os projetos gráficos, o modo de preparação dos livros ganham uma dimensão extremamente multifacetada e dinâmica, incorporando novas técnicas àquelas mais usuais e tradicionais. Mas não apenas: o modo de distribuição dos livros se torna criativo, pois os livros habitam plataformas variadas no vasto mundo das redes sociais, o que produz um novo uso e uma nova forma de ordená-los em nossas prateleiras. Poderíamos dizer com Sandra: a nova forma de editar livros e disseminá-los busca dar conta minimamente da “plasticidade da cultura brasileira”. Plasticidades e culturas plurais, sem dúvida.

Os laboratórios de edição, assim, não apenas têm o intuito de dar a ler autores e autoras que por vezes não entram no círculo de certo “sistema editorial”, mas também são eles próprios escritos pelas ações que promovem. Tal gesto – e talvez seja este o fator mais importante desses projetos – não está voltado tão somente ao produto final, ou seja, ao livro, mas expõe, compartilha e vive as próprias

medialidades que gravitam em torno de uma publicação. E não as vive isoladamente, já que os laboratórios também têm, entre si, procurado a interlocução. Com isso, *Laboratórios de edição no Brasil*, que também é escrito, nessa perspectiva, por este e pelos seis projetos analisados por Sandra, é a manifestação inequívoca desse desejo de contaminação de saberes.

Davi Pessoa

COORDENADOR DO LABORATÓRIO
DE PUBLICAÇÕES LIMA BARRETO

A Biblioteca de Babel

As palavras de Jean-Claude Carrière são clarividentes: “Convém dizer que nada é mais difícil do que arrumar uma biblioteca. É como começar a colocar um pouco de ordem no mundo.”¹ De fato, iniciar uma esquematização de ideias e conceitos que geram ainda mais ideias e conceitos é uma missão árdua e imensa, contudo necessária e desafiadora.

ECO; CARRIÈRE,
2010, p. 270-271.

Os livros são a forma mais bem-sucedida de ordenação do mundo, porque ajudam os leitores a pensar e a interpretar. No poema “Junho”, de Jorge Luis Borges, lemos:

Ordenar bibliotecas é exercer,
de um modo silencioso e modesto,
a arte da crítica.²

BORGES, 1968, p. 998.

Dispostos em diversas estantes, os livros precisam ser consultados e analisados para serem verdadeiramente “despertos”, porque, conforme Umberto Eco, são “mecanismos preguiçosos”.³ Assim, para contrariar essa tendência, deve existir uma cooperação intrínseca entre o autor e o leitor.

ECO, 1987, p. 2.

Nesse sentido, interessa compreender como se desenvolve o fenômeno dos hábitos de leitura nos dias

de hoje. A forma como se entende a leitura atualmente é muito distinta da do passado, principalmente nos grupos etários mais jovens. Não há uma fórmula definitiva para caracterizar o que deve ser a leitura, uma vez que essas dinâmicas se encontram bastante diluídas e difusas, tal como Roger Chartier evoca: “Aqueles que são considerados não leitores leem, mas leem coisa diferente daquilo que o cânone escolar define como uma leitura legítima.”⁴ Ora, as práticas de leitura têm vindo a sofrer mudanças que se devem, fundamentalmente, à nova era comercial e tecnológica. Essa era altera os padrões comportamentais, sendo portadora de vantagens e desvantagens no acesso à leitura.

CHARTIER, 1998,
p. 103-104.

Se antes o livro detinha uma posição privilegiada no que concerne à sua utilização e conservação, no presente, é ameaçado pela emergência dos novos suportes digitais e tecnológicos, os quais “decoram os ambientes juvenis e [...] caracterizam o seu estilo de vida”⁵

PETRUCCI, 1997, p. 20.

Se o livro é o suporte de leitura mais simbólico e perdurável, o mesmo não acontece com os outros dispositivos, que se sucedem à velocidade da contemporaneidade e que “informam regularmente os leitores sobre coisas ‘para fazer’ e ‘ter’ a todo custo, dão-lhes conselhos sobre aquilo que é *out* e, portanto, descartável”⁶

BAUMAN, 2009, p. 662,
grifo do autor.

À medida que se avança na história do livro, a humanidade, que possuía uma “consciência tipográfica”, passa a ganhar uma “consciência multimídia”⁷. É essencial ter uma visão realista para além dos fatores tecnológicos, pois estes, por si só, exercem apenas um impacto parcial no formato físico do livro. É preciso ter consciência de que o futuro da edição de livros é influenciado pela interação das dimensões culturais,

CHARTIER, 1998, p. 72.

sociais e econômicas com as novas tecnologias. Apesar de tudo, não se vaticina o fim do livro nem a morte do leitor. Nas palavras de Jacques Derrida, haverá “coexistência e sobrevivência estrutural de modelos passados no momento em que a gênese fará surgir novas possibilidades”.⁸ O livro será sempre um suporte indispensável como difusor do conhecimento.

DERRIDA, 2001, p. 30.

A arte-ação

De acordo com Bide, Kahn, Max-Lino e Potter,⁹ é preciso analisar todos os fatores que influenciam as dinâmicas em torno do livro e da leitura, principalmente qual é o papel da educação nessa matéria. Os estudantes são a matéria-prima em potência do sistema de ensino, contudo “a ‘ciência’, o ‘método’, o ‘saber’, a ‘ideia’ vêm por portas travessas; são dados *a mais*; são *restos*”.¹⁰ A materialização do saber é, por isso, produto de uma soma interminável de referenciais, saberes e noções. A criação obedece a uma rebeldia original: “Criar (e também descobrir) significa sempre quebrar uma regra; seguir a regra é mera rotina, mais do mesmo – não um ato de criação.”¹¹

2000, p. 23.

BARTHES, 1975, p. 29, grifo do autor.

BAUMAN, 2001, p. 185.

A liberdade criativa potencializa o processo de ensino-aprendizagem em sala de aula, porque permite estreitar laços com a realidade exterior. A proposta seria, então, conectar os campos da cultura, da arte e da educação como forças libertárias e emancipatórias. Cada vez mais, a educação é posta em diálogo com os meios tecnológicos, uma vez que são de uso cotidiano dos jovens. Portanto, é urgente conciliar os tempos, isto é, o tempo acelerado da tecnologia e o tempo vagaroso da aprendizagem.

O paradigma brasileiro: educação como prática da liberdade

No Brasil, país de grandes contrastes políticos, econômicos e sociais, a educação é uma ferramenta emancipatória para a construção da liberdade almejada: “A opção, por isso, teria de ser também entre uma ‘educação’ para a ‘domesticação’, para a alienação, e uma educação para a liberdade.”¹² Com a educação, uma vez mais, abordam-se a alfabetização e, conseqüentemente, a prática da leitura. Em entrevista, o editor, professor e estudioso do livro Aníbal Bragança afirma que grande parte da população brasileira ainda não lê, assim:

Pesquisar o livro, ainda mais em um país que lê pouco, é fundamental, até para que se encontrem os caminhos para superar isso que a gente entende que é prejudicial às pessoas e à sociedade, que é o baixo índice de leitura. Através das pesquisas, principalmente a dos “Retratos da leitura no Brasil”, se constatou (e as pesquisas sempre podem ter falhas) que apenas cerca de 25% dos adultos que frequentaram a escola são capazes de ler, são efetivamente leitores, e isso exclui 75% da leitura de livros.¹³

FREIRE, 1967, p. 35.

BRAGANÇA, 2017, p. 19.

Dessa forma, as condições educativas brasileiras de base são frágeis, fazendo com que exista uma percentagem baixa de leitores. O estudioso acrescenta que as pessoas leem textos de curta dimensão, “mas não têm a competência literária necessária para poder ler um texto longo”.¹⁴ Bragança aponta duas razões para esse problema:

BRAGANÇA, 2017, p. 19.

uma é a extrema desigualdade social no Brasil, que não dá oportunidades a todas as famílias de manterem os seus filhos na escola, por inúmeras razões, não só a pobreza, mas, às vezes, pela dificuldade de se chegar na escola; outras vezes, porque a família precisa da criança para trabalhos.¹⁵

Ibid., p. 19.

Os fenômenos sociais afetam diretamente a vivência escolar das crianças e jovens brasileiros. Nesse sentido, há um longo caminho a percorrer para melhorar a situação educacional no que concerne ao investimento em políticas públicas. A esse propósito, José Castilho Marques Neto aponta que os intentos públicos vão sendo escassos no desenvolvimento de “esforços verdadeiros e de alcance nacional na formação de leitores plenos”.¹⁶

MARQUES NETO, 2016,
p. 61-62.

Nesse sentido, cabe especificar o poder de alcance da leitura nos jovens, já que são a força motriz deste livro. Na opinião de João Luís Ceccantini, é um falso argumento invocar que os jovens não leem nem gostam de ler, preferindo colocar à parte essa “visão apocalíptica”. O pesquisador reitera que o cenário não é tão catastrófico como afirmam, referindo a influência do mercado editorial no acesso à leitura. Ou seja, há um movimento de reciprocidade entre o mercado e os leitores: “o mercado produz muitos livros porque há jovens que os leem, e os jovens leem muito

mais livros porque o mercado apresenta uma ampla e variada produção”.¹⁷

CECCANTINI, 2016,
p. 88-89.

Portanto, seria redutor simplificar essa questão, que se imbuí de múltiplas variantes. Dentre elas, destacam-se as tendências das leituras dos jovens, as quais se explicam pela rápida difusão de uma extensa lista de títulos que fizeram e fazem sucesso nacional e internacionalmente, os chamados best-sellers. Além disso, também o ambiente social e cultural em que os jovens se inserem determina as suas tendências de leitura: “é preciso também pensar a leitura no conjunto de outras práticas culturais em que o jovem contemporâneo está mergulhado”.¹⁸

Ibid., p. 89.

Em consequência, a relação dos jovens com a leitura atualmente é muito particular e deve ser analisada à luz do surgimento e da solidificação das novas tecnologias nos hábitos da população. O suporte livro está conectado a uma série de modalidades tecnológicas e comerciais que permitem outras possibilidades de exploração: “enfim, uma grande diversidade de produtos que vinculam cultura e consumo e convidam permanentemente à múltipla fruição e ao trânsito entre linguagens e suportes”.¹⁹

Ibid., p. 89.

As práticas de consumo dos jovens são, pois, híbridas, multimodais e inter-relacionadas. Curiosamente ou não, o Brasil é sinônimo dessa fragmentação, hibridéz e miscigenação na sua base, uma vez que, “com essa cultura múltipla e muito mais voltada para o oral e o audiovisual, é muito mais plástico para assumir novas formas, muito mais receptivo para novas mudanças tecnológicas”.²⁰ Em suma, o fato de o país se adaptar às novas configurações tecnológicas pela “plasticidade da cultura brasileira é uma coisa muito positiva”.²¹

BRAGANÇA, 2017, p. 23.

Ibid., p. 23.

Mercado editorial brasileiro

Merece destaque o fato de o mercado editorial latino-americano ser tão permeável à entrada de grandes *players* da edição. A partir dos anos 1990, o Brasil se tornou o oitavo maior mercado editorial do mundo, o que deu origem a um *boom* no número de editoras nacionais e internacionais. Para explicar esse fenômeno, José de Souza Muniz Jr. indica que:

Na América Latina, o ingresso de capitais estrangeiros, favorecido por determinadas políticas econômicas, reconfigurou o espaço ocupado pelas editoras. Empresas estrangeiras de diferentes origens, atraídas pela expansão desses mercados consumidores, vieram para disputar espaço com as já atuantes nos mercados locais ou trataram de fagocitá-las, principalmente em nichos de retorno mais garantido.²²

MUNIZ JR., 2012, p. 2.

Portanto, naquela latitude, o mercado editorial se tornou apertadamente concorrencial. Ao mesmo tempo, também foi necessário repensar e redefinir o espaço de cada grande grupo e das editoras de médio e pequeno porte. Estas últimas reclamaram o seu merecido espaço. Diante dessa expansão, e tendo em conta que há meios tecnológicos à disposição de qualquer um, o número de editoras aumentou, assim como as oportunidades em termos de produção editorial.

Consequentemente, gerou-se um aumento significativo do número de editoras brasileiras. Como comprovam os dados de 2009 da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE), “o país contava com quase 500 editoras, das quais 16 (3,21%) possuíam faturamento anual acima de 50 milhões de reais, ao passo que 420 delas (84,3%) faturavam até 10 milhões de dólares ao ano”.²³

Ibid., p. 3.

Esse crescimento exponencial foi motivado pelo investimento em políticas públicas que atraíram a fixação de grandes editoras no país. O Brasil era considerado um mercado de grandes perspectivas e oportunidades, oferecendo condições estratégicas para quem nele montasse o seu negócio. Como refere Marques Neto, “O mercado editorial e livreiro no Brasil já é parte significativa da economia nacional, atraindo investidores e capitalistas do exterior que já adquiriram fatias expressivas deste mercado”.²⁴ Assim, constitui uma área de grande interesse para investidores locais e internacionais, somando-se a uma grande aposta ao nível da formação, principalmente no contexto universitário.

MARQUES NETO, 2000,
p. 167-168.

A universidade e a edição

Paralelamente ao incremento das editoras comerciais, as editoras universitárias proliferaram. Nas palavras de Marques Neto, “esta concepção de editora universitária também se impôs pelo crescimento e profissionalização do mercado editorial brasileiro”.²⁵ Ou seja, é necessário atentar à relação direta entre o desenvolvimento do *mainstream* editorial com os grandes grupos mais comerciais e a edição universitária. Ainda que atendam a objetivos distintos, podem chegar a uma mesma parcela de leitores.

Ibid., p. 167.

Marques Neto e Flávia Garcia Rosa²⁶ identificaram três tipos de editora no âmbito da edição acadêmica e científica que fazem questionar o seu papel como instituições que geram conhecimento, cultura e, por vezes, comércio: (i) editoras universitárias *stricto sensu* ou clássicas, (ii) editoras universitárias com vocação regional e (iii) editoras de livros universitários. Os au-

MARQUES NETO; ROSA,
2010.

tores argumentam que existe uma tensão entre comércio e cultura, constituindo uma situação ambivalente, uma vez que se trata de um subsetor editorial com uma vocação mais intelectual, cultural e educativa.

No contexto brasileiro, essa liderança da edição universitária é bem notória, na medida em que se demarca largamente de realidades editoriais como a portuguesa. Em termos comparativos, as realidades brasileira e estadunidense de edição universitária estão mais evoluídas e cimentadas, tendo Portugal um longo caminho pela frente.²⁷ Isso não diz respeito somente à quantidade de editoras, mas sobretudo à função primordial das editoras universitárias na vida intelectual do Brasil. Dessa forma, o seu papel é determinante na construção do debate intelectual dentro das instituições de ensino, porque, além de elevar o grau de *literacia* da comunidade acadêmica, reivindica por novos leitores. A preponderância e o alcance da edição universitária brasileira lhe conferem um prestígio assinalável, que deve ser mantido e desenvolvido em interação com outros agentes, com a sua natural independência, e acompanhando a evolução das práticas.²⁸

Efetivamente, a profusão e o dinamismo das editoras universitárias brasileiras são dignos de nota. Em entrevista, Paulo Franchetti justifica o posicionamento dianteiro da edição universitária brasileira, “da presença maciça nas bibliografias especializadas à referência constante na grande imprensa, passando pelos prêmios literários em que se galardoam textos de investigação”.²⁹ Além disso, há um conjunto de fatores que explicam um maior investimento em volume de publicações por parte das universidades brasileiras, como, por exemplo, o sistema de avaliação do Minis-

MEDEIROS, 2015, p. 597.

MARQUES NETO, 2000.

FRANCHETTI, 2012.

tério da Educação. Passaram a existir normativas de avaliação e de classificação que valorizavam a publicação em revistas e livros em regime de *publish or perish*, além de rankings de editoras, já que a produção de livros era elevada.

Isso justifica todo o esforço investido por professores, pesquisadores e alunos na carreira acadêmica, em relação a publicações e boas citações em rankings, uma vez que se traduziria na atribuição de apoios financeiros para o desenvolvimento de projetos, laboratórios, edições, entre outros. O currículo de cada profissional era, assim, perscrutado e cotado conforme o seu trabalho e prestígio. Consoante a excelência de cada curso, eram atribuídas maiores verbas federais para “custeio dos cursos de pós-graduação, bem como o número de bolsas de estudos para alunos de pós-graduação”.³⁰

FRANCHETTI, 2012.

Nesse segmento, foram também contempladas e valorizadas as distinções e os prêmios literários. Assim, todas as formas de avaliação eram tidas em conta pela academia. Para Franchetti, que conhece bem essa realidade, “a preocupação com índices que parecem indicar a qualidade relativa não só das editoras universitárias, mas ainda das próprias universidades, tem crescido”.³¹

Ibid.

Espaço-tempo da universidade

Fica patente o papel extremamente importante da edição universitária em constante diálogo com a academia e com a comunidade em geral. Daí existir uma interação e cooperação em estreita relação com as práticas de editoras nacionais e internacionais. Dentro do eixo acadêmico, é crucial que o ambiente de aprendizagem represente um espaço de experimentação, no

qual os acertos e os erros fazem parte do processo de criação.

FREIRE, 1996, p. 38,
grifo do autor.

A noção de espaço-tempo que expõe Paulo Freire desvenda as múltiplas possibilidades de encarar o processo de ensino-aprendizagem como “um *texto* para ser constantemente ‘lido’, interpretado, ‘escrito’ e ‘reescrito’”.³² Consequentemente, uma boa relação entre professor e aluno potencializa essa experiência de espaço-tempo. O aluno é instigado a questionar, a debater, a procurar as respostas e as soluções por si próprio – claro, sempre com a orientação do professor. Essa troca entre aluno e professor se reflete na prática educativa, uma vez que solidifica o “*respeito devido à autonomia do ser do educando*”.³³

Ibid., p. 24-25,
grifo do autor.

Portanto, é através da experimentação que os alunos podem se envolver mais intensamente com o seu objeto de estudo. O conceito de laboratório, em análise, é prova dessas múltiplas possibilidades da liberdade e autonomia do ensino-aprendizagem.

A prática é, assim, a metodologia de excelência que permite pôr à prova, com espaço para tentativa e erro, os conhecimentos adquiridos, seja por via empírica, seja por via científica. O laboratório é um lugar promotor de atividades coletivas que instigam cada aluno a se unir em prol de um projeto. Ou seja, “o educando não é o objetivo de ensino, mas sim sujeito do processo, parceiro de trabalho, trabalho este entre individualidade e solidariedade”.³⁴

DEMO, 1996, p. 16.

Entre academia e mercado

Tendo em conta que um laboratório de edição representa uma plataforma de extensão e prática dos cursos de Edição e áreas afins, uma vez que dá espaço a professores e alunos para a criação de produtos e projetos editoriais, procurei analisar laboratórios com forte poder de ação e em diálogo direto com o mercado editorial, os quais constituem uma amostra importante, na medida em que são estruturas com um trajeto constante e consolidado no campo da Edição.

A seleção partiu dos seguintes critérios: em primeiro lugar, localizei os cursos de Edição mais bem avaliados da academia brasileira; em segundo, investiguei se possuíam um laboratório associado; depois, estando referenciadas as regiões, as cidades, as universidades, os cursos e os laboratórios, analisei aspectos como longevidade, solidez, autonomia, ação e influência do laboratório dentro do curso e em interlocução com o mercado editorial. Com isso, cheguei a seis laboratórios.

Dada a enorme dimensão e importância do mercado editorial brasileiro, o estudo procurou relevar os aspectos formativos e profissionalizantes dos seis laboratórios. Num primeiro momento, importou mais

descobrir quais eram os laboratórios mais autônomos e sustentados, representativos no âmbito da sua área de estudo. Mais tarde, foi interessante observar a sede de cada laboratório: um em São Paulo; outro no Rio de Janeiro; dois em Minas Gerais, em Belo Horizonte, mais propriamente; e os dois últimos no Rio Grande do Sul, um em Santa Maria, outro em Porto Alegre. Portanto, não é só no grande eixo editorial, Rio-São Paulo, que se observa esse fenômeno na aposta da formação em Edição.

Vida profissional e acadêmica

Em entrevista para este livro, os coordenadores foram questionados quanto às suas vivências profissional e acadêmica, inserindo-as no contexto da sua atividade no laboratório. Os seis coordenadores têm percursos acadêmicos e profissionais muito semelhantes, uma vez que são formados em Letras, Comunicação Social ou áreas afins e complementares e tiveram e têm atuação no mercado editorial, dentro e fora da universidade.

Da Com-Arte, editora-laboratório do curso de Editoração da Universidade de São Paulo (USP), Plínio Martins Filho é doutor e mestre em Ciências da Comunicação. Com longa experiência em edição, Plínio trabalha na área desde 1971, quando da sua entrada na USP como professor, e assumiu a coordenação da Com-Arte, bem como da editora da USP, a EDUSP.

Ana Gruszynski, coordenadora do Laboratório de Edição, Cultura e Design (LEAD), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), é graduada em Jornalismo Gráfico e Audio-

visual. Tem experiência na área de design e publicidade. No âmbito editorial, trabalhou como designer e ilustradora de livros infantis.

Associado ao bacharelado em Edição, o Laboratório de Edição (LABED) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) é coordenado pela professora Sônia Queiroz, que possui formação em Letras e extensa carreira na área editorial. Depois de ter trabalhado numa editora comercial, voltou à universidade e assumiu a gestão da Editora UFMG. Mais tarde, assumiria a coordenação do LABED.

Por sua vez, Ana Elisa Ribeiro, também formada em Letras, é coordenadora do Laboratório de Edição da linha de formação em Tecnologias de Edição do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Trabalhou em várias editoras, exercendo funções de revisora de textos, corretora e editora assistente. Foi promotora, juntamente com outros colegas, de cursos ligados à edição na sua cidade, Belo Horizonte.

O Laboratório de Edição (LABEDIÇÃO) do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) é coordenado por Ricardo Pinto de Souza. Antes de se tornar professor, Ricardo atuou no mercado como freelancer e, posteriormente, como editor.

Já Marília de Araujo Barcellos é a coordenadora da Editora Experimental pE.com, ligada ao curso de Comunicação Social – Produção Editorial da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Com longa passagem pelo mercado editorial, exercitou diversas funções editoriais, como editora, assessora de

imprensa e livreira. Mais tarde, doutorou-se com uma tese sobre pequenas e médias editoras.

Todos os coordenadores têm, simultaneamente, experiência no mercado editorial e na academia. Antes de terem assumido a coordenação dos respectivos laboratórios, todos já tinham passado pela área editorial, exercendo funções variadas como editores, revisores, designers, paginadores, livreiros, assessores de imprensa, entre outros cargos. Essa experiência em primeira pessoa foi transportada para a carreira docente. Em alguns casos, a estrutura do laboratório já estava montada, tendo de ser reconfigurada; em outros, eles a criaram da mesma raiz. No entanto, em todas as situações, há uma relação umbilical entre a experiência profissional anterior à carreira docente, que se direcionaria precisamente para a área da Edição. O fato de cada coordenador ter um conhecimento consolidado e diversificado dentro do campo editorial representou uma mais-valia para o curso e, nomeadamente, para o laboratório, uma vez que este faz a ponte com o mercado. Logo, os alunos podem ter como orientadoras pessoas experientes e conhecedoras dos meandros da área.

Quando, por quem, onde?

Em primeiro lugar, é necessário saber o ano de fundação de cada laboratório, para fins de organização cronológica, ou seja, do laboratório mais antigo para o mais recente. Nesse sentido, aquele que funciona há mais tempo é a Com-Arte, criada em 1973, cuja direção foi assumida por Plínio Martins Filho em 1986. Já o mais recente é a Editora Experimental pE.com, que

foi fundada em 2012 e obteve o prefixo editorial em 2016. Nesse intervalo temporal (1973-2012), foram fundados os demais: o LEAD data de 1991, e a atual coordenação data de 2001; já o LABED foi criado em 2007 e institucionalizado em 2009; o Laboratório de Edição do CEFET-MG, na transição 2007-2008, aprovado em 2008-2009; e, por fim, o LABEDIÇÃO está em funcionamento desde 2011.

Em segundo lugar, é crucial conhecer quem idealizou e impulsionou essas estruturas laboratoriais. Em cinco casos, foram professores que estiveram na condução desse processo. No sexto caso, da Editora Experimental pE.com, uniu-se ao corpo de professoras uma aluna. Também importa ressaltar que todos os coordenadores, à exceção de Ana Gruszynski, coordenadora atual do LEAD, fizeram parte da equipe fundacional dos respectivos laboratórios. Além disso, os professores eram oriundos de áreas de conhecimento próximas ao conceito do projeto: Edição, Editoração, Letras, Literatura, Jornalismo, Publicidade, Marketing, Administração, entre outros.

O espaço físico onde se localiza cada laboratório é outro fator relevante. Em todos os casos, o espaço é anexo à faculdade ou ao departamento do curso.

Trajatória dos laboratórios de edição

	Quando?	Por quem?	Onde?
Com-Arte (USP)	1973: fundação 1986: Plínio Martins Filho assume a coordenação	Três professores: Plínio Martins Filho, Thiago Mío Salla e Marisa Mídori Deaecto	Escola de Comunicações e Artes, Departamento de Jornalismo e Editoração
LEAD (UFRGS)	1991: fundação 2001: Ana Gruszynski assume a coordenação	Três professores: Flávio Vinicius Cauduro, Joaquim da Fonseca e Sérgio Rosa	Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Departamento de Comunicação
LABED (UFMG)	2007: fundação 2009: institucionalização pela Câmara de Ensino da Faculdade de Letras (FALE)	Dois professores: Sônia Queiroz e Jacyntho Lins Brandão	Faculdade de Letras
Laboratório de Edição (CEFET-MG)	2007-2008: fundação, juntamente com a abertura do bacharelado em Tecnologias de Edição 2008-2009: aprovações da instituição	Cinco professores: Ana Elisa Ribeiro, Olga Valeska, Ana Maria Nápoles, Rogério Barbosa da Silva e Wagner Moreira	Térreo do campus 1
LABEDIÇÃO (UFRJ)	2011: fundação	Um professor: Ricardo Pinto de Souza (com o apoio informal de outros professores)	Faculdade de Letras, Centro de Estudos do Departamento de Ciência da Literatura, sala D207
Editora Experimental pE.com (UFMS)	2012: fundação 2016: obtenção do prefixo editorial e o primeiro ISBN	Cinco professoras: Marília de Araujo Barcellos, Cláudia Bomfá, Liliane Brignol, Sandra Rúbia da Silva e Rosane Rosa Uma aluna: Camila Nunes	Departamento de Ciências da Comunicação, prédio 67, sala 1.114

Fonte: entrevistas com coordenadores.

À parte os anos em funcionamento, esses seis laboratórios têm vários aspectos em comum. A Com-Arte é vinculada ao curso de Editoração, o mais antigo da área no Brasil. Assim, desde o começo da formação acadêmica, existiu uma preocupação pela incidência na componente prática da área. Para ilustrá-la, o coordenador do laboratório, Plínio Martins Filho, faz um paralelismo: o laboratório está para o curso de Editoração como o hospital-escola está para o curso de Medicina. Ou seja, sem lugar para a prática, seria impossível formar estudantes para o mercado. Nesse sentido, o aparecimento de outros cursos de Edição responde à necessidade do mercado editorial, que foi crescendo e adquirindo outros contornos, nomeadamente no que se refere aos meios de produção, mais evoluídos tecnologicamente.

Muito à conta desse fenômeno, foram criados cursos de Edição fora dos eixos geográficos tradicionais. Até o início da década de 2010, São Paulo e Rio de Janeiro – sobretudo o primeiro – concentravam as maiores editoras e oportunidades nesse campo. No entanto, com a dispersão e a profusão de médias e pequenas editoras por todo o território brasileiro, surgiram oportunidades em regiões como Minas Gerais e Rio Grande do Sul, onde se encontram quatro dos laboratórios pesquisados. Assim, a amostra revela o florescimento do meio editorial alternativo em regiões até então menos exploradas. A par dessa expansão, o meio acadêmico começou a ofertar cursos para formar profissionais da área editorial.

A coordenação de cada laboratório pode contar com o apoio de docentes de áreas complementares à Edição, como Literatura, Jornalismo, Publicidade,

Marketing, Administração, entre outras. Nesse sentido, os professores oferecem aos alunos uma formação sólida e diversificada, mas é preciso destacar: embora caiba àqueles a direção dos laboratórios, a sua criação parte de uma necessidade conjunta de alunos e professores. A necessidade aguça o engenho. Finalmente, essa plataforma serve ao propósito do curso de Edição na prática.

Relativamente ao espaço físico onde estão instalados os laboratórios, nem todos possuem as condições desejáveis. No caso do CEFET-MG, por exemplo, o laboratório ocupa uma sala que não é a mais adequada para o funcionamento do projeto, uma vez que é uma adaptação de um espaço ocioso. Já a compra de equipamentos e móveis, como computadores e bancadas, foi um processo moroso e complexo. À semelhança do Laboratório do CEFET-MG, também o LEAD teve dificuldade na obtenção de verba para os equipamentos. Tendo em conta que é um espaço com determinados requisitos, porque atende à utilização diária de alunos e professores para a realização de projetos, é necessário torná-lo acolhedor e funcional. Apesar de tudo, esse foi um esforço que, nos outros quatro casos em análise – na USP, UFMG, UFRJ e UFSM –, foi atendido.

Como, por quê?

Para entender como se realizou o processo burocrático associado à projeção de cada laboratório, questionei os entrevistados quanto às facilidades e aos constrangimentos encontrados ao longo desse processo.

Nesse tópico, as opiniões se dividiram. Por um lado, os coordenadores Plínio Martins Filho, Sônia

Queiroz, Ricardo Pinto de Souza e Marília de Araujo Barcellos mencionaram facilidade nesse processo. Por outro lado, Ana Gruszynski e Ana Elisa Ribeiro destacaram bastantes dificuldades no que toca ao financiamento, ao espaço físico e ao apoio da universidade.

Plínio Martins Filho revelou ter sido um processo simples, sem problemas burocráticos, acrescentando que o único constrangimento pode ter estado no fato de a verba não ser suficiente. Já Ana Gruszynski destacou que a verba é descontínua e bastante morosa e que a universidade não facilitou esse processo. Sônia Queiroz, à semelhança de Plínio, mencionou não ter havido obstáculos na criação do laboratório, apenas alguma resistência no que concerne à atividade editorial mais científica. Ana Elisa Ribeiro indicou que houve bastantes limitações em afirmar o projeto e em reclamar um espaço físico para tal, pois a sua universidade se mostrou pouco sensível ao curso de Tecnologias de Edição. Ricardo Pinto de Souza comentou que, no momento da criação do laboratório, foi privilegiado pela abundância de verba disponível para as universidades brasileiras, além de ter contado com o apoio de vários colegas. Por último, Marília de Araujo Barcellos referiu facilidade no processo de criação, mas dificuldade na obtenção do equipamento.

Todos evocaram a questão orçamental como a mais complexa, e alguns, a falta de compreensão por parte da universidade, que ainda não entende bem o propósito de tal estrutura. O financiamento continua a ser descontínuo e irregular, e essa falta de verba condiciona o poder de ação dos coordenadores, que, dependendo dela, têm de readaptar os projetos e as atividades dos laboratórios. Além disso, foram refe-

ridos alguns entraves no que concerne à logística do espaço e do equipamento.

Sobre o porquê da idealização de cada laboratório, há uma unanimidade de opiniões. Os coordenadores apontam que o objetivo principal era a concepção de um espaço de experimentação para alunos, professores e investigadores, usado para a produção editorial de livros, revistas e outros produtos e materiais, além de para a realização de cursos, eventos e atividades. Aliada à formação teórica e prática do laboratório, que permitiria a formação de editores preparados para todas as etapas do mercado editorial, uma das marcas mais fortes do projeto é o seu caráter experimental, inovador e inventivo. Várias foram as palavras-chave comuns, entre elas **prática, formação, experiência, aprendizado, experimentação, invenção, treinamento, espaço, ensino, pesquisa, extensão e mercado.**

Para Plínio Martins Filho, o laboratório veio proporcionar uma vivência semelhante à de uma editora, permitindo que os alunos pudessem acompanhar o livro desde a preparação até a sua apresentação no mercado. Além disso, veio pôr termo a uma certa ideia de falta de formação prática dos alunos, motivo pelo qual as editoras não ofereciam estágios aos alunos de Edição – estes, em vez de serem eficientes, acabavam por tornar o trabalho mais moroso.

Na opinião de Ana Gruszynski, o laboratório, por ter um caráter experimental, está receptivo a novas linguagens e a diferentes ações. No âmbito editorial, a coordenadora destacou a produção de materiais para diferentes órgãos da universidade e também a realização de cursos abertos à comunidade. O grande enfoque foi sempre a pesquisa, visto que possuem linhas

de investigação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS.

Já Sônia Queiroz é decisiva ao mencionar que o maior objetivo é o ensino e a formação de editores de texto, pondo-se os alunos em contato com as várias etapas da produção de uma publicação. Através do estágio, os alunos recebem uma bolsa e são iniciados numa vivência próxima da profissional. Destacou igualmente o espaço do laboratório como um lugar de aprendizagem e experimentação.

Para Ana Elisa Ribeiro, a formação prática desenvolvida no laboratório permite preparar os alunos para serem revisores e editores. Além de o curso providenciar uma sólida formação teórica, é essencial que o laboratório seja um lugar de inovação e invenção, na medida em que o aluno pode testar várias possibilidades, simulando o próprio mercado editorial. São testados vários formatos, entre os quais revistas, jornais e plaquetes de poesia.

Ricardo Pinto de Souza, por sua vez, indicou três objetivos quando da criação do laboratório: o primeiro seria ofertar treinamento profissional; o segundo, atender ao fluxo de produção do Departamento de Ciência da Literatura; e o terceiro, fomentar a pesquisa em história da edição, da leitura, novas mídias, novas tecnologias de leitura, de circulação do livro.

Na perspectiva de Marília de Araujo Barcellos, o laboratório permitiria desenvolver competências em nível pedagógico. A experiência de Marília no mercado editorial permitiu uma orientação mais direcionada, pois os alunos, além de conceberem produtos editoriais, podem acompanhar todas as etapas subsequentes, como o lançamento em eventos e fei-

ras, contatando diretamente o público leitor e a comunidade em geral.

Editora universitária versus laboratório de edição

Ainda dentro do porquê, indaguei acerca das diferenças e das semelhanças entre uma editora universitária e um laboratório de edição. Para complementar a questão, atentei à existência ou não de uma editora universitária em cada universidade e ao fato de estar ou não em funcionamento.

A USP possui uma editora com forte tradição editorial universitária, sendo uma das mais prestigiadas a nível nacional: a EDUSP. Nesse caso, existe uma correlação entre a editora e o laboratório Com-Arte, explicável graças à abundância de meios de produção, assim como à comunicação criada desde o início entre ambas as estruturas. Isso foi também possível porque, durante 25 anos, o diretor da EDUSP foi Plínio Martins Filho, que conciliou o cargo com a coordenação da Com-Arte.

Na perspectiva de Plínio, as duas estruturas possuem um sistema bastante diferente, na medida em que a editora tem outras preocupações, nomeadamente com a questão da distribuição e da gestão orçamental. A sua atuação se dá em âmbito nacional, pois atende a todo o mercado editorial. Já no que diz respeito à Com-Arte, por ser um espaço criado para o efeito de experimentação, o laboratório potencializa a criatividade dos alunos, pois disponibiliza meios próximos do mercado e permite testá-los com liberdade. O coordenador referiu que, mais do que a formação de técnicos, a preocupação do laboratório sempre foi formar pessoas e editores. No caso específico da USP,

os alunos podem ter uma vivência de estágio em ambos os ambientes.

Na UFRGS, há uma editora universitária, mas, devido a uma série de constrangimentos relacionados com a troca de reitoria e a presente falta de financiamento nas universidades brasileiras, ela tem pouca visibilidade e poder de ação. De qualquer forma, para Ana Gruszynski, coordenadora do LEAD, o trabalho deste é distinto, ainda que possa assessorar algumas editoras em projetos pontuais. Ela relevou também que a passagem de alguns alunos pelo laboratório os direcionou profissionalmente para a área editorial. Os alunos bolsistas de extensão, de pesquisa em edição, que vêm de outras áreas, como a Publicidade ou o Jornalismo, encontram no laboratório um espaço no qual podem complementar a sua formação. Portanto, tendo em conta que não existe na UFRGS uma editora em pleno funcionamento, o LEAD veio ajudar a preencher essa lacuna.

Já a coordenadora Sônia Queiroz não tem dúvidas de que o laboratório é bastante distinto da Editora UFMG, uma vez que esta é profissional e responde às exigências do mercado. Apesar disso, não atende ao lucro, porque é institucional, e não comercial. A autossustentabilidade é outro ponto tocado, pois a Editora UFMG é sustentada pela venda de livros e pelo apoio da universidade, já o laboratório trabalha numa escala muito menor, com tiragens de até 30 exemplares e venda de livros em eventos internos. Os alunos são simultaneamente os produtores e distribuidores dos livros.

O CEFET-MG, por seu turno, não possui editora universitária. Ana Elisa Ribeiro entende que as editoras universitárias detêm um papel mais vasto, na

medida em que atendem a todas as áreas de conhecimento da universidade, e não só à área literária. Nesse sentido, a editora universitária tem uma capacidade de distribuição e de circulação proporcional ao mercado editorial brasileiro. Por outro lado, o laboratório do curso de Letras não consegue alcançar essa capacidade, até porque o seu objetivo de base é distinto, centrando-se na formação dos alunos.

Ricardo Pinto de Souza, coordenador do LABEDIÇÃO (UFRJ) destaca que a editora da sua instituição já foi uma das mais importantes do país, contando com um catálogo de referência, equiparável aos das editoras de São Paulo e de Minas Gerais. Contudo, em virtude de uma série de problemas de teor administrativo, a editora se encontra estagnada há vários anos. Assim, o laboratório foi também criado para suprir o marasmo editorial na UFRJ. Embora seja uma estrutura de pequena dimensão, que está vinculada a um departamento da Faculdade de Letras, o projeto produz de 15 a 20 publicações por ano.

Relativamente à UFSM, que também possui uma editora universitária, Marília de Araujo Barcellos aponta o recurso financeiro como crucial para a garantia da produção, comercialização e distribuição dos livros. Para a coordenadora, uma editora possui uma cadeia mais complexa e demorada, ao passo que o método do laboratório é distinto, porque é faseado e responde a outras prioridades, como a projetos de disciplinas do curso e à disponibilidade de verba oriunda de concursos e de possíveis parcerias.

Todos os inquiridos concordaram em afirmar que ambas as estruturas são díspares na forma e no conteúdo, porque têm objetivos diferentes. Enquanto uma

editora universitária prima por uma dimensão ampla e multidisciplinar, cobrindo as necessidades do mercado pela via da comercialização e distribuição, um laboratório funciona na base da formação pela via das práticas editoriais. Ainda, este último garante a alunos e professores uma maior liberdade de ação, possibilitando experimentar com margem de erro as várias etapas da cadeia editorial. Esse foi um ponto muito referido para destringer, por um lado, a maior rigidez e formalidade de uma editora universitária e, por outro, a maior flexibilidade e informalidade de um laboratório de edição.

Além disso, a questão financeira foi muitas vezes mencionada, porque posiciona as duas estruturas em patamares distintos. A editora universitária consegue ser autossustentável e garantir apoios institucionais, já o laboratório, por estar anexado ao curso, recebe deste uma verba mais diminuta e, muitas vezes, é independente, na medida em que tem de procurar outras vias de financiamento, como concursos e/ou projetos de extensão. Em resumo, por terem configurações e dimensões desiguais, não são equiparáveis. Todavia, é de salientar a vontade que todos os laboratórios têm de se afirmar dentro das suas universidades como espaços de vivência editorial.

Catálogo

O catálogo reflete a tipologia de cada laboratório, uma vez que as escolhas editoriais atendem às necessidades das disciplinas e a outros projetos em curso. Por isso, os coordenadores foram questionados relativamente aos critérios usados para a seleção das obras a publicar, dando também alguns exemplos.

Plínio Martins Filho indicou que o procedimento da Com-Arte é semelhante ao de uma editora tradicional, pois os autores submetem as suas obras a análise. Professores e alunos decidem se devem ou não publicar a obra em questão, cabendo a aprovação final aos três professores coordenadores. Portanto, os alunos têm uma parte ativa nesse processo. Exemplos de coleções já publicadas são Editando o Editor, Memória Editorial, Reserva Literária, Cadernos de Jornalismo e Editoração, Clássicos do Jornalismo Brasileiro, Fórum de Editoração, Memória Militante, Memória Tipográfica e Primeira Impressão. Além disso, normalmente são editados trabalhos de conclusão de curso, revistas, e-books, livros avulsos e livros experimentais (dobraduras, livros-objeto).

Embora Ana Gruszynski tenha afirmado que o LEAD não possui catálogo nem qualquer registro dos trabalhos criativos que vão produzindo – o que se revela uma desvantagem – na página web do laboratório está organizada a sua produção científica. De qualquer forma, a coordenadora revelou que não tem a pretensão de produzir livros. Alguns dos produtos criados foram revistas científicas, cartazes, pôsteres, identidade visual de eventos e instituições acadêmicas e layout de montagem de exposições ligadas ao meio acadêmico.

No LABED, as publicações derivam de um diálogo entre professores e alunos e incidem, principalmente, sobre trabalhos desenvolvidos nas disciplinas e nos cursos. Sônia Queiroz mencionou a existência de um conselho editorial, que é consultado caso esteja em discussão um projeto editorial de grande magnitude. São publicados cadernos e livros, assim como audiolivros e videolivros, em torno de vários eixos temáticos,

como Didática e Ensino, Estudos Africanos, Estudos de Edição, Estudos Linguísticos, Estudos Literários e Estudos de Tradução.

No caso do Laboratório de Edição do CEFET-MG, Ana Elisa Ribeiro sublinhou o fato de não terem um catálogo organizado e que, por isso, há a necessidade de criar essa “memória” editorial do laboratório, cuja produção está diretamente relacionada com as temáticas das disciplinas do curso. Em relação aos livros, já publicaram uma coleção de propostas de oficinas para a formação de leitores, uma antologia de cinco poetisas mineiras, uma antologia de resenhas e ensaios de livros de literatura contemporânea chamada *18 livros vivos* e uma coleção com depoimentos de editores importantes, *Edição e Ofício*.

Segundo Ricardo Pinto de Souza, inicialmente, o LABEDIÇÃO publicava com base na indicação de professores, havendo espaço para parcerias. Recentemente, optaram por criar um conselho editorial e, assim, sistematizar as publicações nas áreas de interesse do próprio laboratório. Constam entre as publicações livros ligados à crítica e teoria literária, coletâneas de artigos, livros de ensaios de autores específicos e as revistas *Terceira Margem* e *Odara*.

Da Editora Experimental pE.com, Marília de Araujo Barcellos revelou que tem uma preocupação em criar um catálogo acessível a todos os públicos, podendo estar disponível em diversos formatos. Foi também referida a importância da oferta de conteúdos interdisciplinares. Na sua produção, encontram-se livros de acessibilidade, audiolivros, títulos de Educação – como *Mosaico socioantropológico* –, de Comunicação Social – como *Estudos editoriais*, parte da Série

Caleidoscópio, que já conta com dois volumes –, entre outros.

Em suma, em todas as publicações, a última palavra é sempre do professor, ainda que o aluno possa participar do momento de proposta e discussão dos títulos a publicar. Na maior parte dos casos, é editado um livro ou uma revista que se relaciona, direta ou indiretamente, com as disciplinas do curso, o que revela a complementaridade entre a teoria e a prática. Nesse sentido, o catálogo é indispensável para estruturar a atividade editorial de cada laboratório, armazenando informação útil para finalidades várias – como para memória futura e pesquisa científica – e estando totalmente acessível a todos os membros da academia, assim como a entidades externas.

Atividades

No que toca a atividades, todos os laboratórios dinamizam periodicamente diversos cursos, seminários e eventos.

O coordenador Plínio Martins Filho, da Com-Arte, invocou vários eventos com projeção nacional, uma vez que reúnem participantes do âmbito acadêmico e público em geral. Destaca ainda o fato de promoverem mais eventos em torno do livro impresso do que em torno do livro digital. Como destaque, na USP, ocorre a maior feira universitária do livro do país. Exemplos de atividades são o evento anual Fórum de Editoração, os seminários Editor ou Publisher? e A Arte de Editar Texto e a feira Festa do Livro.

No LEAD, foram já realizados cursos de formação de editores científicos, mas é também na técnica de produção gráfica que incidem os seus programas

formativos. Ana Gruszynski pôs os dois como destaques do laboratório.

Sônia Queiroz, por sua vez, contou que, no cerne do LABED, está a realização de múltiplos eventos relacionados com o livro nos seus mais diversos formatos. Privilegiam, por exemplo, oficinas abertas sobre costura e encadernação de livros e, para isso, fazem parcerias com o laboratório LAGRAFI, anexado ao curso de Conservação e Restauração da Escola de Belas Artes da UFMG. Além disso, já promoveram uma Festa do Livro, exposições, performances de poesia, narração de contos orais, ateliês abertos, os seminários Ler, Traduzir, Editar: a Literatura em sua Experiência, feiras com editores e poetas independentes da região, conferências, mesas-redondas e relatos de experiências de pesquisa.

A coordenadora Ana Elisa Ribeiro comentou que os alunos são incentivados a criar oficinas para ministrá-las a colegas, mais novos ou não, e a outros membros da comunidade em geral. Os estudantes organizam também um evento fixo, convidando profissionais do âmbito editorial para dar o seu testemunho. Existe, portanto, uma atmosfera de intercâmbio entre os alunos e os profissionais que atuam no mercado editorial. Alguns eventos que costumam promover são as oficinas de fotografia poética e as edições da Jornada de Edição e Festa de Linguagens e Ciência (FLIC).

Ricardo Pinto de Souza referiu que os professores associados ao laboratório ministram cursos e oficinas de curta duração, academicamente equivalentes a um curso de extensão. Os cursos se dão em dois níveis: um é aberto à comunidade, e o outro é exclusivo para os alunos de graduação que participam como moni-

tores do laboratório. São promovidos cursos anuais de preparação e revisão de originais, diagramação de impressos, noções de tipografia, história do design gráfico, tipografia digital, preparação de livros digitais, web design. Além disso, realizam-se cursos técnicos de revisão, paginação e preparação de edições eletrônicas e oficinas de produção artesanal. Entre as iniciativas estão Projeto Fortuna, um portal de recursos on-line sobre autores e crítica literária; Biblioteca Nova, um experimento em edição digital; e Editorial Argô, uma editora de monografias.

Em relação à Editora Experimental pE.com, existe um planejamento anual de atividades e eventos. Marília de Araujo Barcellos ressaltou as ações em feiras do livro, que têm cobertura midiática nas regiões de Santa Maria e Porto Alegre. Dessa maneira, os alunos são convidados a idealizar uma série de atividades, que ganham, junto do público, maior visibilidade. Nas Feiras do Livro de Santa Maria e de Porto Alegre, são realizadas diversas ações, como rodas de discussão, oficinas e bate-papos.

Os coordenadores destacam, sobretudo, eventos abertos a toda a universidade e à comunidade externa, como oficinas e feiras do livro. Criar um espaço de exposição do trabalho do laboratório se revela, assim, um ponto-chave. Em alguns casos, os alunos se responsabilizam pela criação de oficinas, o que os envolve diretamente nas etapas de pós-produção editorial; portanto, funcionam como embaixadores dos próprios laboratórios.

Distribuição

No que concerne à distribuição física e virtual das publicações do laboratório, estas podem ser vendidas ou distribuídas gratuitamente.

Segundo Plínio Martins Filho, 10% da tiragem dos livros da Com-Arte é entregue à imprensa, e todos os livros são disponibilizados na livraria virtual da EDUSP. Os alunos são responsáveis por todas as fases que envolvem colocar um livro no mercado, por isso também tratam da distribuição. Por vezes presencialmente, organizam a apresentação dos livros e os vendem ao público. Um dos momentos de extrema importância é a participação da Com-Arte na Festa do Livro da USP.

Por seu turno, o LEAD não edita livros nem revistas e, conseqüentemente, não trabalha com a distribuição desses produtos.

Já Sônia Queiroz comentou que os livros e cadernos produzidos pelo LABED estão disponíveis para download na página web do laboratório, e quem quiser adquirir o formato físico pode fazê-lo a um custo zero. É recorrente a distribuição de exemplares em eventos, mais institucionais ou mais informais, por se destinarem a um público específico.

No laboratório do CEFET-MG, as edições têm tiragem limitada e são distribuídas gratuitamente. Ana Elisa Ribeiro indicou que, pontualmente, há parcerias de maior dimensão que suportam financeiramente as edições, ajudando na sua circulação.

Uma vez que grande parte dos livros do LABE-DIÇÃO foi produzida para outras editoras, são essas editoras que fazem o trabalho de divulgação, informou Ricardo Pinto de Souza. Todavia, há alguns exempla-

res que acabam sendo distribuídos em eventos do laboratório e do curso.

Marília de Araujo Barcellos aponta que os livros da Editora Experimental pE.com são endereçados para os responsáveis de cursos de Editoração no Brasil. Como não têm fins lucrativos, são distribuídos gratuitamente em congressos, eventos e lançamentos.

Nesse sentido, o objetivo de cada edição impressa e as condições logísticas do laboratório é que vão ditar como a tiragem será distribuída, se mais formalmente ou informalmente. No caso da Com-Arte, existe um protocolo com a EDUSP, que divulga o catálogo do laboratório no seu site. Além disso, todos os laboratórios utilizam eventos institucionais, como colóquios, seminários e similares, para a distribuição dos títulos, e espaços de grande exposição, como as feiras do livro. De todo modo, são publicações com tiragem pequena, porque um dos objetivos é que os livros sejam distribuídos gratuitamente no âmbito acadêmico.

Divulgação

A divulgação é uma etapa determinante para o posicionamento estratégico desses projetos acadêmicos.

O coordenador da Com-Arte mencionou que, dentro do laboratório, os professores dividem as tarefas, cabendo a um deles a gestão da parte comercial e da divulgação. São selecionados quatro ou cinco alunos, que tratam de várias tarefas, entre elas a divulgação nos meios de comunicação impressos e digitais e a produção dos paratextos e dos releases.

Ana Gruszynski referiu que as notícias e os materiais do LEAD são disponibilizados na sua página web.

Admite não possuir recursos humanos suficientes para a manutenção do site e das redes sociais.

No caso do LABED, são usadas várias plataformas digitais e impressas, contando o laboratório com o apoio e a cobertura da assessoria de comunicação da reitoria da UFMG. Sônia Queiroz referiu que a prioridade passa por divulgar mais dentro da universidade.

Na perspectiva de Ana Elisa Ribeiro, urge criar uma plataforma digital que divulgue a atividade do laboratório. Por enquanto, é o canal institucional da universidade que supre essa carência.

Ricardo Pinto de Souza apontou que, na maioria dos casos, são os próprios convidados que divulgam o seu comparecimento aos eventos do laboratório. Também privilegiam o método de *mailing list* e possuem uma página web do projeto.

Na Editora Experimental pE.com, é um bolsista que gere o site e a página no Facebook. Às vezes, por questões de sobrecarga de trabalho, não se consegue dar atenção a essa área.

Todos possuem página web, à exceção do Laboratório de Edição (CEFET-MG), que divulga a sua atividade através do canal institucional da universidade. Além do site, investiram na criação de redes sociais, como Facebook, Instagram e YouTube. É o caso do LABED, que possui esses quatro canais digitais, os quais os alunos são incumbidos de gerir. As coordenadoras Ana Gruszynski e Marília de Araujo Barcellos admitem que, por vezes, dado não terem suficientes recursos humanos, existe uma escassez na divulgação. Todos sublinham a importância da divulgação digital, uma vez que chega a diferentes públicos mais rapidamente.

Financiamento e orçamento

No que diz respeito à gestão do orçamento, são diversos os métodos que cada coordenador adota em sua manutenção.

Plínio Martins Filho expôs que existe um retorno com a venda de livros, que serve para financiar a publicação de outros. Como o curso de Editoração divide departamento com o de Jornalismo, há uma verba destinada aos laboratórios de ambos os cursos. A universidade custeia parte do orçamento, e a outra parte é suportada por parcerias, nomeadamente com gráficas.

Ana Gruszynski sublinhou que existe uma crise grave no que se refere ao financiamento das universidades brasileiras. A coordenadora narrou que seria incapaz de pedir algo à universidade. Portanto, nessa impossibilidade, tem apostado nas “aulas abertas”, fazendo com que não haja dinheiro envolvido. Nesse sentido, o financiamento é obtido a partir de editais públicos. De qualquer forma, ressaltou aspectos positivos, como o fato de a universidade prestar apoio acadêmico e institucional ao LEAD, o que se traduz em credibilidade e prestígio.

O LABED, segundo Sônia Queiroz, não possui orçamento próprio, mas é assegurado pela diretoria da Faculdade de Letras da UFMG. Essa verba é usada para pagar as bolsas dos estagiários, o material de consumo, a impressão, as licenças dos programas de computador, a manutenção e, eventualmente, a troca de equipamento ou mobiliário. Isso porque a Faculdade de Letras consegue produzir recursos próprios, gerados a partir dos cursos de extensão, de línguas estrangeiras, entre outros. Assim, esses recursos são

encaminhados para a gestão dos vários projetos acadêmicos, como o laboratório.

Segundo Ana Elisa Ribeiro, no seu laboratório, não existe um orçamento definido, uma vez que o financiamento segue uma via hierárquica até chegar à sua coordenação, ou seja, passando da instituição para o curso de Letras. Além disso, como não há um montante definido, vai sendo disponibilizado consoante as necessidades. Como já mencionado, a coordenadora confessou ter havido dificuldade de entendimento da universidade para com os objetivos e necessidades do curso Tecnologias de Edição e do seu laboratório.

Ricardo Pinto de Souza aludiu para a dispersão da verba destinada ao laboratório, já que a situação econômica da UFRJ é instável. Comentou que, nos anos anteriores, podiam suportar o pagamento de bolsas a estagiários, mas, atualmente, elas foram cortadas. A maior parte do trabalho, referiu, é voluntário. Acrescentou que ainda não conseguiram alcançar a autonomia relativa ao departamento.

Os projetos da Editora Experimental pE.com são cimentados em parcerias. Todos os projetos, assim como o trabalho dos estagiários, são suportados por via de concurso/edital. Dessa forma, é uma gestão dependente de parceiros. Normalmente, é a coordenadora que trata dessa burocracia. Por estarem conscientes da morosidade dos processos, lidam com essa matéria com tranquilidade.

Em matéria orçamental, são apontados diversos fatores que comprovam ser esta a questão mais melindrosa, por, desde logo, envolver dinheiro. Antes de mais nada, é preciso ter em consideração que há laboratórios que atuam como editoras e outros que não.

O retorno oriundo da venda de livros pode ajudar no financiamento de outros livros. Todavia, tendo em conta a ideologia dos laboratórios, que funcionam como plataformas de formação editorial, sem intuito comercial, o mais importante é a produção e distribuição no meio acadêmico.

Além disso, as universidades brasileiras têm passado por vários cortes orçamentários por parte do governo federal, o que se traduz num momento difícil para investimento na educação. Portanto, os coordenadores apontam os concursos públicos e as parcerias como uma importante fonte de financiamento das atividades do laboratório. Fora isso, são equacionadas formas alternativas de financiar os projetos, entre elas, a angariação de fundos internos. O dinheiro é, assim, oriundo de fontes várias, sendo bastante difuso e irregular. Se, por um lado, há universidades que ainda não são sensíveis ao papel desempenhado pelos laboratórios, por outro, há as que prestam um suporte institucional valioso para a inserção destes numa rede ampla de pesquisa e investigação nacional e internacionalmente.

Autossustentabilidade

Nas palavras de Plínio Martins Filho, a Com-Arte não pretende ser autossustentável, visto que a sua intenção não é comercial.

Como é muito complexo obter verba, Ana Gruszynski referiu que o LEAD aposta, sobretudo, em atividades abertas e gratuitas, para não terem custos extraordinários. Como verificaram que não vale o esforço a candidatura a editais, gerem o laboratório com recursos internos dos colaboradores.

Sônia Queiroz mencionou que é objetivo do LABED produzir livros para consumo interno. Antes, eram vendidos pelo preço de custo, mas agora são distribuídos gratuitamente.

A coordenadora Ana Elisa Ribeiro afirmou que o Laboratório de Edição não tem o intuito de se tornar autossustentável. Contudo, embora não possua condições materiais, mencionou que teria a pretensão de atuar como uma editora. Por fim, o seu contributo formativo se impõe, no momento, como prioritário.

Dada a atual conjuntura econômica adversa, Ricardo Pinto de Souza advertiu que não é viável pensar na sustentabilidade do laboratório e que, além disso, não é do seu âmbito. Seria até antitético, segundo ele, supor a venda de serviços editoriais, porque a intenção é acadêmica, e não comercial.

Marília de Araujo Barcellos alertou para o papel pedagógico que exerce o laboratório, embora já se tenha equacionado a autossustentabilidade. No regulamento fundacional do laboratório está descrito que seria “sem fins lucrativos, com fim pedagógico, educacional, e que poderia ampliar esse conhecimento da sala de aula”. Adicionalmente, conjecturar a autossustentabilidade implicaria maior investimento de recursos humanos para a candidatura a editais. Não está fora dos planos, mas irão com calma nesse processo.

Relativamente ao ponto da autossustentabilidade, as opiniões são unânimes: todos creem que a sustentabilidade financeira não faz parte dos objetivos dos laboratórios. A sua intenção primordial é servir de plataforma de formação, e não de venda de produtos. Além disso, a produção editorial serve a propósitos pedagógicos e é, na maior parte dos casos, distribuída

gratuitamente, além de muitas vezes, serem publicados materiais que não seriam muito vendáveis. Essa liberdade e criatividade só é possível pela configuração do laboratório como lugar de experimentação. Paradoxalmente, a crise financeira vivida na educação brasileira permite essa liberdade de ação. Portanto, a sustentabilidade é medida em termos de trabalho produzido, e não em termos financeiros.

Parcerias e protocolos

Com as parcerias, os laboratórios têm muito a ganhar no que toca a recursos materiais e a capital social. De fato, os parceiros podem ser editoras, gráficas, entidades públicas – como universidades, bibliotecas e prefeituras – e outras redes de apoio à pesquisa e investigação.

Para Plínio Martins Filho, as parcerias realizadas com editoras e gráficas são estratégicas, na medida em que ambas as partes saem beneficiadas. O coordenador referiu que não existe um protocolo formal, contudo, até ao momento, essa informalidade tem tido bons resultados. Algumas dessas parcerias se deram com a LIS Gráfica e Editora e a EDUSP.

Ana Gruszynski expôs que todas as parcerias do LEAD tiveram um teor informal. De qualquer forma, o laboratório, por estar integrado a um curso de Comunicação e Informação, se direciona mais para a pesquisa e formação do que para a publicação de materiais. Em parceria com a Fundação de Economia e Estatística do Estado do Rio Grande do Sul, ofereceram um curso de formação de editores científicos.

No LABED, realizam-se bastantes parcerias, entre as quais a mais consolidada é o LAGRAFI, um labora-

tório criado no Centro Cultural UFMG. Sônia Queiroz mencionou também o Museu Vivo Memória Gráfica, a Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais e a Rede Latino-Americana de Cultura Gráfica.

A coordenadora Ana Elisa Ribeiro está ciente de que a aposta nas parcerias com as diferentes instituições, internas ou externas à universidade, é vantajosa a todos os envolvidos. Uma das vantagens seria a circulação dos produtos editoriais, fazendo com que houvesse maior impacto midiático e maior alcance de leitores. Mas, como o curso e o laboratório são recentes, é preciso investir gradativamente nas parcerias. Alguns exemplos são a diretoria geral do CEFET-MG, a coordenação do curso, a prefeitura de Belo Horizonte, a Câmara Mineira do Livro e a Biblioteca Pública Infantil e Juvenil.

Por seu turno, o LABEDIÇÃO já trabalhou com bastantes editoras do Rio de Janeiro e não só, indicou Ricardo Pinto de Souza. O coordenador considera muito frutífera a troca de ideias com outros editores. Dada a estagnação da Editora UFRJ, ainda não trabalharam com ela, mas já realizaram parceria com as seguintes editoras: EDUERJ, 7Letras, Azougue, Desalinho Editorial, e-galáxia e editoras de Campinas.

Marília de Araujo Barcellos informou que os produtos editoriais são impressos na gráfica da UFSM, pois, quando da candidatura a editais, prevê-se uma parte destinada ao custeio das impressões. É destacado o apoio da coordenação do curso, que facilita, por exemplo, o deslocamento dos alunos de automóvel a feiras do livro, além do Centro de Ciências Sociais e Humanas, que agilizou a conquista do primeiro ISBN e do prefixo editorial do laboratório.

Outra parceria importante foi o edital do Programa de Extensão da universidade.

As parcerias, mais ou menos formais, constituem uma oportunidade estratégica para os laboratórios. Dada a falta de recursos financeiros, que acarreta alguns constrangimentos no que toca à produção editorial, o fato de os laboratórios se beneficiarem de protocolos e parcerias com entidades dentro e fora da universidade se materializa em algo vantajoso. Têm a possibilidade de produzir livros e outros materiais com uma melhor qualidade gráfica e com uma maior tiragem. Além disso, podem ter acesso a um conjunto de plataformas de difusão, podendo participar em eventos e atividades abertas a toda a comunidade. Em alguns casos, inserem-se em redes internacionais ligadas à área editorial. Finalmente, aquele que é um trabalho desenvolvido no âmbito acadêmico extravasa para a sociedade em geral, o que engrandece a essência de cada laboratório, que se impõe como um lugar de intercâmbio do conhecimento.

Estágio e trabalho

Sendo os laboratórios de edição espaços de formação e experimentação editorial, a sua existência poderia pressupor uma primeira abordagem profissional. Por um lado, o seu foco é mais formativo e menos profissional. Por outro lado, fornece ferramentas muito úteis para uma possível entrada no mercado editorial.

Plínio Martins Filho revelou que os alunos têm uma disciplina intitulada Estágio Supervisionado, na qual realizam um período de estágio numa editora à sua escolha. O laboratório não abre estágios, mas a EDUSP, sim.

Há bolsistas no LEAD, mas não com uma ênfase em Produção Editorial. Ana Gruszynski referiu que não há a configuração de estágio, mas as bolsas de extensão suportam financeiramente o trabalho dos alunos no LEAD.

A coordenadora Sônia Queiroz referiu a necessidade de se rever a estrutura do curso para incluir o estágio como disciplina obrigatória, tendo em conta a sua importância. No momento, vão suprindo essa carência com o laboratório e com as aulas práticas.

No Laboratório de Edição também não se promovem estágios, segundo Ana Elisa Ribeiro – eles podem ser realizados em outras estruturas do CEFET-MG. Já no que diz respeito ao curso de Tecnologias de Edição, os alunos, para terminá-lo, têm de cumprir um período de estágio numa editora à sua escolha em Belo Horizonte.

Ricardo Pinto de Souza evidenciou que o estágio não está previsto no LABEDIÇÃO. Contudo, há entidades, como o CNPq e a UFRJ, que financiam bolsas para o trabalho de extensão ou de pesquisa.³⁵ O coordenador acrescentou que, informalmente, passam cartas de recomendação.

No laboratório coordenado por Marília de Araujo Barcellos, os estágios são curriculares e entram num sistema denominado Atividades Complementares de Graduação, no qual os alunos têm de cumprir um determinado número de horas para finalizar o curso. Já estágios remunerados acontecem por via de editais.

De fato, a vivência do laboratório constitui, por si só, uma aproximação ao mundo profissional da Edição. De qualquer forma, a condição formal de estágio confere outro estatuto ao trabalho desenvolvido

NOTA DO EDITOR:
Na época das entrevistas, o bloqueio de verba para o Ministério da Educação ainda não afetava tão cruelmente a oferta de bolsas como no ano de publicação deste livro.

pelos alunos, pois acarreta maior responsabilidade e a devida remuneração. Dessa forma, poderiam pôr em prática mais sistematicamente os seus conhecimentos das várias etapas editoriais. Todos os coordenadores são sensíveis a essa necessidade, por isso, seja por via obrigatória, opcional ou voluntária, em todos os laboratórios está presente um compromisso de trabalho formativo.

Experiência no laboratório: uma mais-valia profissional

Compreender se, de fato, o laboratório cumpre o seu papel de formador profissional é crucial, pois uma das consequências disso é possibilitar uma mais-valia na procura de trabalho.

Plínio Martins Filho realçou o fato de o laboratório garantir a oportunidade de o aluno passar por todas as etapas do processo editorial, criando o seu próprio portfólio. Destacou ainda que da Com-Arte têm saído muitos premiados, e o mercado está a dar preferência aos alunos de Editoração. O coordenador considera que o laboratório está a contribuir para a melhoria da qualidade dos livros no Brasil.

No caso do LEAD, o seu foco está direcionado para a pesquisa e investigação. Todavia, há também alunos que optam pela área do Design, empregando os seus conhecimentos numa editora. Ana Gruszynski explicou que, por terem alunos de várias áreas, entre elas a Comunicação, o Jornalismo e a Publicidade, a postura deles é mais criativa e com uma noção global da cadeia editorial.

Sônia Queiroz fez notar que o mercado tem desvalorizado uma área a que o seu curso sempre deu

particular atenção: a da revisão de texto. Como existe uma crescente acumulação de funções dentro das editoras de uma editora, a cadeia editorial já não é respeitada como antes. De qualquer forma, os seus alunos são preparados para essa e outras etapas editoriais.

Do ponto de vista de Ana Elisa Ribeiro, o laboratório é um espaço que demanda do aluno uma série de procedimentos similares aos do contexto profissional. Referiu ainda que a Autêntica, grupo editorial de grande porte sediado em Belo Horizonte, contrata alunos do curso de Tecnologias de Edição por gostar do seu alto nível de preparação.

O coordenador do LABEDIÇÃO afirmou que o laboratório acrescenta valor, mas ressaltou que o momento atual é de crise no mercado editorial. Ricardo Pinto de Souza observa que a formação é profissionalizante, que há um trabalho de cotidiano editorial que interessa a quem o vive. No entanto, descreve o cenário editorial atual como muito adverso.

Marília de Araujo Barcellos relata que alguns alunos prestam serviços como freelancer enquanto terminam o curso de Produção Editorial. Portanto, ainda frequentando o curso, colocam em prática as suas habilidades.

Os testemunhos dos coordenadores são unânimes: o laboratório tem uma taxa de sucesso no que concerne à entrada dos alunos no mercado editorial. Mais do que um mero repetidor ou técnico, o aluno é formado para ser um editor criativo. Entender a cadeia editorial como um conjunto, vivenciando-a na prática, diferencia esses alunos dos demais. Todavia, o cenário atual não é favorável para os alunos de Edição, uma vez que o mercado atravessa uma grande crise, contratando

do cada vez menos profissionais. Essa situação exige uma readaptação da academia, ou seja, cada vez mais os alunos são formados para a prática, para ingressarem no mercado já inteirados do processo editorial.

Qual é o caminho: a academia ou o mercado editorial?

Plínio Martins Filho comentou que o curso de Editoração sempre se direcionou mais para o mercado editorial do que propriamente para a pesquisa. No entanto, essa tendência tem se esbatido nos últimos anos, tanto é que o laboratório tem publicado livros que incidem sobre trabalhos de pesquisa na área editorial brasileira. Ao longo do trajeto acadêmico, os alunos elegem as áreas que mais lhes interessam e, mais tarde, se especializam numa delas. Por terem uma estrutura pequena, o coordenador lastima o fato de não oferecerem cursos de pós-graduação, que são bastante procurados. Por fim, há muitos alunos que fundam a sua própria editora ou empresa de serviços editoriais.

No LEAD, existem duas vias usadas: a da extensão e da pesquisa. Na primeira, os alunos trabalham mais diretamente com as dinâmicas editoriais, com edição de jornais e de revistas; na segunda, em projetos de pesquisa no meio acadêmico. É nesta última via que o LEAD se destaca como laboratório de pesquisa. A coordenadora Ana Gruszynski acrescentou que há alunos que fundam as suas próprias editoras e outros projetos independentes, e há também os que se tornam professores e realizam pesquisas.

Sônia Queiroz narrou que os dois caminhos são mantidos em paralelo, criando sinergias entre a acade-

mia e o mercado. Há alunos que, terminando o curso, entram no mercado, e outros que, avançando nos estudos, trabalham como freelancers. Ainda menciona que há alunos trabalhando em editoras e dá o exemplo de quatro ex-alunos que se reuniram e que prestam serviços editoriais.

Há um forte investimento em pesquisa, segundo Ana Elisa Ribeiro, muito por conta da existência de um Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, que tem uma linha de pesquisa em Edição, Linguagem e Tecnologia. Isso significa que os alunos percebem que ainda há muito por investigar na área da Edição e se tornam pesquisadores. Embora o mercado editorial seja de menor dimensão em Belo Horizonte, o que leva os alunos a optarem pela continuação dos estudos, outros há que trabalham em editoras e que criam projetos editoriais. Refere a coordenadora ainda que o estado de Minas Gerais criou leis de incentivo à cultura, e essas leis possibilitam, entre outros, a impressão de livros.

Para Ricardo Pinto de Souza, os alunos se dividem em dois grupos: os que optam por continuar a estudar e aqueles que saem diretamente para o mercado de trabalho. Uma parte se torna pesquisador no campo da Literatura, uma vez que o curso é mais centrado na Comunicação. Assim, o coordenador aponta que os alunos mais desejados pelas editoras seriam os da área de Produção Editorial – que tem um curso de graduação ofertado pela Escola de Comunicação da UFRJ –, mas, ainda assim, há alunos que enveredam pelo mercado. Contudo, a região com maior oferta na área editorial não é o Rio de Janeiro, mas sim São Paulo.

O curso de Produção Editorial tem disciplinas voltadas para várias áreas, por isso os estudantes escolhem se inserir naquelas em que possuem maior interesse, seja pela via acadêmica, seja pela via laboral. Marília de Araujo Barcellos referiu que não há um único caminho, pois a estrutura do curso é ampla, com disciplinas focadas em audiovisual, meios de comunicação, produção científica, literária e editorial. Normalmente, os alunos vão trabalhar fora de Santa Maria, procurando a capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Não existe uma regra na escolha do caminho a seguir, porque depende dos objetivos dos alunos. Por um lado, nos cursos de Produção Editorial, por existir maior incidência de aspectos técnicos, o que o converte num curso profissionalizante, os alunos optam por se inserir em editoras da sua região ou fora dela, ou por criar o seu próprio projeto editorial. Por outro lado, devido à vontade de aprofundar estudos na área da Edição, uma vez que é um campo pouco desenvolvido em termos de investigação, realizam mestrado e/ou doutorado.

À semelhança dos coordenadores, há alunos que optam pelo mesmo percurso profissional, isto é, têm experiências profissionais ora na academia, como pesquisadores e/ou professores, ora no mercado editorial. Também, dado o baixo número de oportunidades no campo editorial em regiões como Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, haja vista a maior concentração do mercado na cidade de São Paulo, os alunos encontram na via da pesquisa uma boa saída. Por outro lado, por terem consciência da dificuldade de penetração num mercado cada vez mais concentrado

e limitado, há alunos empreendedores que apostam em projetos de prestação de serviços editoriais.

Considerações livres

Como última questão, os coordenadores foram convidados a acrescentar alguma outra reflexão no final da entrevista.

Plínio Martins Filho indicou que o surgimento e a aura do curso de Editoração na Universidade de São Paulo vieram contribuir para uma aproximação entre a academia e o mercado. Assim, os alunos são requisitados por editoras, uma vez que o curso procura atender aos interesses desses mesmos alunos e às necessidades das próprias editoras. Acrescentou que há também alunos que se tornaram pequenos empreendedores.

A coordenadora Ana Gruszynski referiu que existe muita procura para pouca oferta, faltando maior investimento na formação acadêmica dos alunos antes de eles transitarem para o mercado. Também tocou na importância de uma ponte mais sólida entre a academia e o mercado através de professores com experiência nos dois âmbitos. Dados os avanços tecnológicos, ela acredita que é preciso reconfigurar o modelo tradicional impresso e apostar nos formatos digitais.

A prioridade de Ana Elisa Ribeiro recai no desenvolvimento e na consolidação graduais do curso de Tecnologias de Edição e do seu laboratório, pelo fato de serem estruturas recentes no CEFET-MG, em Belo Horizonte e em Minas Gerais. Antes, havia um fenômeno de maior migração para os centros culturais e editoriais, como São Paulo e Rio de Janeiro; hoje, há maior investimento em Belo Horizonte.

O coordenador Ricardo Pinto de Souza reforçou as duas funções do laboratório: a formação de leitores e a formação de editores alternativos. Há uma preocupação com a mudança de paradigma no que concerne às práticas de acesso à leitura, à crise no setor editorial e, por fim, à conjuntura nada favorável da economia brasileira. De qualquer forma, reflete que é dos contextos de crise que surgem as ideias mais inovadoras e criativas.

Como nota final, Marília de Araujo Barcellos lançou o desafio de firmar parcerias futuras com o curso de Produção Editorial da UFSM.

Com isso, os cinco coordenadores deixaram apontamentos importantes. Entre os aspectos positivos, ressaltaram que os cursos de Edição são bem acolhidos pelo mercado, principalmente na área de projeto gráfico; que existe um grande grupo de alunos interessados em realizar nessa área a graduação e a pós-graduação; e que alguns alunos se tornam microempreendedores. Ainda, o laboratório é responsável pela formação de leitores e de editores alternativos, porque fomenta o gosto pela leitura, ao mesmo tempo que dá ferramentas necessárias para adotar no mercado.

Já entre os aspectos negativos, salientam a crise econômica brasileira, que afeta o mercado e, conseqüentemente, a academia. A par disso, o império dos meios tecnológicos veio interferir na cadeia editorial, havendo cada vez menos lugar para jovens em início de carreira, fora a sobreposição de funções e os processos automatizados e em escala. Nesse sentido, é necessário discutir, na base, os índices de leitura no Brasil e a influência da tecnologia nas práticas sociais de leitura.

O laboratório como práxis

De acordo com as afirmações dos entrevistados, é possível retratar um panorama muito fértil e esperançoso no que diz respeito às práticas formativas desenvolvidas no âmbito dos cursos associados à Edição. De fato, os seis casos brasileiros são representativos do diálogo frutífero e estratégico entre a academia e o mercado editorial. As potencialidades dos estudantes são tidas em conta por professores que conhecem, por experiência própria, o setor e que os encaminham para as suas áreas de interesse, atendendo também às necessidades das editoras. Pela capacidade inovadora e inventiva dos laboratórios, assim como pela liberdade e responsabilidade depositadas nos alunos, muitos se tornam empreendedores na área editorial. Os laboratórios, embora sejam espaços destinados à atividade editorial, estão abertos à participação de todos os membros da academia. Muitas vezes, são promovidos eventos abertos com o intuito de divulgar o curso e o laboratório e de envolver novos participantes que tenham curiosidade pelo campo editorial.

No entanto, há aspectos menos positivos a levar em consideração. Um deles é que os laboratórios estão inseridos numa rede complexa do sistema, isto é, res-

pondem aos cursos, estes às universidades e estas ao Ministério da Educação. Portanto, tais ligações interferem diretamente na vivência do espaço acadêmico. Pelo testemunho de alguns coordenadores, os cortes que se fazem sentir na educação pública brasileira estão a condicionar o poder de ação, principalmente, dada a falta de recursos financeiros. Encarregados de gerir um orçamento mais baixo, na maior parte das vezes, os professores têm de recorrer a concursos públicos, o que significa se submeter a processos complexos e morosos para obter algum apoio pecuniário. Pela dificuldade subjacente, uma das coordenadoras confessou evitar concorrer a editais, por isso, internamente, solucionam a questão através de vaquinha. Outra coordenadora disse sentir um desamparo por parte da universidade, por esta não compreender a importância da área da Edição.

Nesse sentido, os obstáculos ao nível macro influenciam a área editorial, na medida em que as editoras estão a contratar menos pessoas e usam outros meios, mais eficientes, produzindo em escala. Esse cenário é descrito por vários coordenadores, que estão atentos a tais mudanças e procuram alertar os alunos para essa realidade. Por conseguinte, os fenômenos econômicos desfavoráveis influenciam a sociedade e, nesse caso, a forma como o mercado editorial e os cursos de Edição dialogam. Como principais obstáculos, podem ser destacadas a crise econômica e a mudança tecnológica, que deu origem a diversos desafios.

Ainda assim, é notória a consciência de que, do meio das crises, há lições a retirar e oportunidades a agarrar. Desde logo, é apontado o fato de se poder experimentar e criar livremente, e os coordenadores

referem que o que demarca os laboratórios é precisamente essa capacidade criativa e inventiva, que agrega valor à formação dos alunos na prática.

A interdisciplinaridade também é um fator inerente aos laboratórios, na medida em que acolhe alunos oriundos de outras áreas do conhecimento, como a Literatura, o Jornalismo, a Publicidade e o Design. No caso da Produção Editorial, são muitos os alunos premiados pelos seus projetos gráficos de elevada qualidade. Com isso, os laboratórios formam simultaneamente leitores e editores, comprovando a máxima de que um bom editor é, antes de mais nada, um grande leitor. Conseqüentemente, há muitos alunos que se convertem em editores e prestam outros serviços editoriais em áreas como revisão, tradução e projeto gráfico. Há outros que optam pela pesquisa, inserindo-se em grupos que investigam o mercado editorial e a história da edição. Além disso, há redes de investigação nacionais e internacionais que permitem um intercâmbio com outras universidades, cursos e laboratórios.

Fora do eixo Rio-São Paulo, outras iniciativas têm florescido, nomeadamente em Belo Horizonte, Santa Maria e Porto Alegre. No CEFET-MG e na UFSM, há um forte envolvimento dos laboratórios com a região, por meio de eventos que ocupam espaços culturais das cidades e pela participação em feiras do livro. As sinergias que se criam entre as universidades e as cidades traduzem a necessidade de a academia ir mais além na formação de novos públicos consumidores do livro e da leitura.

Ainda, por ser um setor de grande porte e em ascensão constante, o mercado editorial brasileiro é di-

verso e profuso, o que ajuda a explicar o aumento de cursos relacionados à Edição. Logo, os cursos universitários vêm se adaptando a esse campo profissional, o que indica uma maior sensibilidade para valorizar a prática em estreita relação com a teoria. Mais do que formar técnicos, é importante formar profissionais com uma noção ampla da cadeia de valor do livro e com a capacidade de introduzir um diferencial quando da sua inserção no mercado laboral. Nesse sentido, as práticas pedagógicas no Brasil têm acompanhado esse fenômeno. Nas palavras do coordenador Plínio Martins Filho:

Determinados cursos exigem, além da teoria, muita prática. O curso de Edição é um deles: é fundamental fazer os livros. Fazendo um paralelo bem amplo, é como se você tivesse um curso de Medicina sem um hospital-escola para os futuros médicos praticarem. Então, se se cria um curso para ensinar a editar, é necessário ter uma editora,³⁶ senão, o curso não vai funcionar.

O coordenador se refere
à editora-laboratório
Com-Arte.

Com isso, os seis laboratórios em estudo provam que dar liberdade de ação a alunos e professores permite obter resultados positivos e animadores no que concerne ao sucesso acadêmico e profissional. Provam, em última instância, que são modelos essenciais para a aprendizagem na prática.

Referencia

Referências

AUSUBEL, David P.; NOVAK, Joseph D.; HANESIAN, Helen. *Psicologia educacional*. Trad. Eva Nick, Heliana de Barros Conde Rodrigues, Luciana Peotta, Maria Ângela Fontes e Maria da Gloria Rocha Maron. Rio de Janeiro: Interamericana, 1968.

BARDIN, Laurence. *Análisis de contenido*. Trad. Cesar Suarez. Madrid: Akal, 1996.

BARTHES, Roland. “Escritores, intelectuais, professores”. In: _____. *Escritores, intelectuais, professores e outros ensaios*. Coord. Arnaldo Saraiva. Trad. Graciete Teixeira, Arnaldina Sousa, Filomena Paupério, Manuela Barbosa, Aurélia Couto e Fátima Candeias. Lisboa: Presença, 1975.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. “Zygmunt Bauman: entrevista sobre a educação. Desafios pedagógicos e modernidade líquida”. [Entrevista cedida a] Alba Porcheddu. Trad. Neide Luzia de Rezende e Marcelo Bulgarelli. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 39, n. 37, p. 661-684, maio/ago. 2009.

BERTAUX, Daniel. *Les Récits de vie: perspective ethnosociologique*. Paris: Nathan, 1997.

- BIDE, Mark; KAHN, David; MAX-LINO, Richard; POTTER, E. J. *The Scale of Future Publishing in Digital and Conventional Formats: A Report to British Library Policy Unit*. [S. l.]: Mark Bide & Associates, fev. 2000.
- BORGES, Jorge Luis. *Obras completas*. Buenos Aires: Emecé Editores, 1968.
- BRAGANÇA, Aníbal. “Inovações do digital frente ao impresso”. [Entrevista cedida a] Edimar Oliveira. In: BARCELLOS, Marília de Araujo (org.). *Estudos editoriais*. Santa Maria: Editora Experimental pE.com, 2017. (Série Caleidoscópio, 1).
- CECCANTINI, João Luís. “Mentira que parece verdade: os jovens não leem e não gostam de ler”. In: FAILLA, Zoara (org.). *Retratos da leitura no Brasil 4*. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador. Conversações com Jean Lebrun*. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- COELHO, Teixeira. *O que é ação cultural*. São Paulo: Brasiliense, 2001. (Coleção Primeiros Passos, 216).
- DEMO, Pedro. *Educar pela pesquisa*. Campinas: Autores Associados, 1996.
- DERRIDA, Jacques. *Papier machine*. Paris: Éditions Galilée, 2001.
- ECO, Umberto. *Lector in fabula: la cooperación interpretativa en el texto narrativo*. Trad. Ricardo Pochtar. Barcelona: Lumen, 1987.
- _____; CARRIÈRE, Jean-Claude. *Não contem com o fim do livro*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- FRANCHETTI, Paulo. “Paulo Franchetti, director da editora da Unicamp: ‘O acordo ortográfico é um aleijão’”. [Entrevista cedida a] *Tantas Páginas*, 7 fev. 2012.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MARQUES NETO, José Castilho. “A editora universitária, os livros do século XXI e seus leitores”. *Interface*, Botucatu, SP, v. 4, n. 7, p. 167-172, ago. 2000.

_____. “Retratos da leitura no Brasil e as políticas públicas: fazer crescer a leitura na contracorrente – revelações, desafios e alguns resultados”. In: FAILLA, Zoara (org.). *Retratos da leitura no Brasil 4*. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

_____; ROSA, Flávia Garcia. “Editoras universitárias: academia ou mercado? Reflexões sobre um falso problema”. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (org.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

MEDEIROS, Nuno. “Circunstâncias globais e tendências recentes no espaço editorial do livro universitário português”. *Análise Social*, Lisboa, n. 216, v. L, p. 582-603, 3. trim. 2015.

MUNIZ JR., José de Souza. “Políticas editoriais, políticas públicas: análise de cinco vozes críticas às transformações do campo editorial”. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35., 2012, Fortaleza. *Anais [...]*. São Paulo: Intercom, 2012.

PETRUCCI, Armando. “El desorden de la lectura”. In: CAVALLI, Guglielmo; CHARTIER, Roger (org.). *Historia de la lectura en el mundo occidental*. Trad. María Barberán, Mari Pepa Palomero, Fernando Borrajo e Cristina García Ohlrich. Madrid: Taurus, 1997.

Sobre a autora



Sandra Santos nasceu em Barcelos, Portugal, em 1994. É licenciada em Línguas e Relações Internacionais pela Universidade do Porto e mestra em Estudos Editoriais pela Universidade de Aveiro. Além de poeta, tradutora e revisora, atua como docente de português como língua estrangeira e está envolvida em vários projetos culturais, artísticos e literários. Seus poemas e suas traduções estão publicados em antologias, revistas e blogs em Portugal, Espanha, América Latina e Estados Unidos. Selecionado por um programa de apoio à edição e à tradução do Instituto Camões e da Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas de Portugal, seu primeiro livro de poesia, *éter*, foi publicado pela brasileira Editora Jaguatirica e pela mexicana Ediciones Eternos Malabares. Divulga parte do seu trabalho no seu blog: <<https://sandrasantos-ss.blogspot.com/>>.

Foi de um trio de graduandos em Letras que partiu, em 2015, a iniciativa de inaugurar, no Instituto de Letras da UERJ, um espaço de formação em edição e produção editorial. Daí surgiu o atual Laboratório de Publicações Lima Barreto (SELB), projeto protagonizado por estudantes desde a sua fundação. Em 2021, ano de publicação deste livro, o SELB comemora seis anos de atividade e três anos de sua institucionalização como projeto de extensão da UERJ.

Formato: 14 × 21 cm

Tipologia: Roboto Slab (títulos), Lato (intertítulos), Spectral (texto) e Minion Pro (notas)